

Florianópolis, 08 de setembro de 2023

Concurso As Histórias que Somos

Categoria: Carta

Proponente: LETICIA DE LIMA DA SILVA

Carta para todos os jovens que olham as oportunidades lá longe, do alto dos morros e comunidades

Queridos jovens leitores, como estão?! Me chamo Letícia de Lima da Silva, tenho 21 anos e nasci e cresci em Florianópolis, no sul do Brasil, uma ilha conhecida como "ilha da magia" pelas suas praias, belezas naturais e índices de qualidade de vida, para alguns.

Falar sobre minha história me é algo complicado, mas irei começar do início, voltando no tempo e lembrando meus passos. Minha infância foi de grandes momentos, risadas, joelho ralado nas brincadeiras, movimento, correria, a energia que só as crianças têm. Pude ter muitos amigos de infância nessa caminhada, mas é que daqui de cima tudo é um pouco diferente do que a imagem de cidade que se "vende" ao mundo.

Quando falo "daqui de cima", me refiro ao morro, o Morro do Macaco, como aqui é conhecida a comunidade onde cresci. Fica nessa ilha da magia, só que aos fundos da Beira-mar (a região mais abastada) e dos prédios bonitos. No morro, cresci me divertindo, andando de bicicleta, jogando bola, porém parece que teve um momento nas minhas vivências que tudo começou a ficar estranho, sabe?!

Você pode questionar, estranho como?! É que quando criança, eu achava que aqui todos eram felizes e que a alegria estava presente. Ao crescer, fui vendo e entendendo que não era bem assim: e aí toda felicidade que eu achava que as pessoas tinham foi dando lugar e se transformando em raiva, tristeza e angústia. É claro que aqui existe alegria, mas é que quase não consigo ver, precisa esforço. Parece que do dia para a noite tudo mudou: um dia eu era criança feliz brincando e no outro uma jovem que começava a entender as dinâmicas de funcionamento social e ver que meus amigos de infância que brincavam na rua comigo estavam presos ou mortos.

Eu cresci, me formei no ensino médio na escola pública Padre Anchieta, onde muitos falavam e falam que era e é uma péssima escola. Será que

falam isso por que a maioria que estudaram e estudam lá são crianças daqui de cima? Ou por que a violência no final das aulas era constante? Ou se referem sobre o ensino mesmo, com professores cansados e que não são valorizados pelo estado? Eu não sei. Com certeza não é uma das melhores escolas, mas não é a pior. Lá eu aprendi e estudei muito. Estudei tudo que meus pais não puderam estudar, estudei tudo que minha mãe não pode, pois ela foi proibida e forçada a trabalhar na roça, estudei tudo que meu pai não pode, pois teve que abandonar muito cedo para trabalhar e sustentar os irmãos.

Eu estudei, me dediquei, mas quando me vi, estava atrás de um caixa de supermercado do direto do campo, um sacolão de frutas e verduras, e era aquela minha realidade: aguentar clientes que no ápice do seu espírito consumista e egoísta me criticavam e julgavam. Há um discurso falacioso em voga no Brasil hoje que idolatra a meritocracia, que mais longe você chega basta tão somente se dedicar, mas esquece de toda a contextualização da vida real. E foi ali, bem ali, que percebi que teria que mudar, sabe?! Fazer algo para mudar minha realidade, o rumo da minha família, o meu destino. Então pensei em continuar os estudos, já que nenhum dos meus familiares havia dado esse passo antes, talvez estivesse aí a solução, eu pensei.

Conheci o curso pré-vestibular do Instituto Pe Vilson Groh, uma organização de projetos sociais e educativos para educandos de comunidades empobrecidas. Vi que aquela era minha oportunidade de estudar e ser a primeira da família a entrar em uma faculdade pública...Mas o aluguel da minha kitnet esperava, o boleto batia na porta, além de trabalhar no sacolão eu precisava fazer um extra para pagar as contas. Abandonei o curso e comecei a trabalhar a noite também. Fiquei sem chão e como que vendo o trem de oportunidades se distanciar.

Foi quando no grupo do curso do IVG, haviam mandado sobre o vestibular inverno Udesc, a universidade estadual. Me inscrevi e graças a Deus passei em terceiro lugar de escola pública, considerando minhas notas tiradas na Escola Padre Anchieta.

Atualmente estou cursando Pedagogia na Udesc, uma universidade pública, referência no estado e no país. O que parecia longe da minha realidade, hoje faz parte de mim. Esse é só o começo da minha caminhada. Agora, fazendo estágio, em uma escola particular, talvez eu entenda aqueles que criticavam a escola em que estudei: é que as oportunidades são diferentes, a realidade de alunos de uma escola pública para um particular é imensa, é abissal.

Quero que mais pessoas daqui de cima, possam estar em uma universidade, mas é que as pessoas daqui de cima, escolhem se comem ou se estudam, assim acabam tendo que fazer opções de caminhos, se frustrando e abandonando seus sonhos. Talvez só precisem de ajuda. Para julgar tem muitos, mas para estender a mão, são poucos...

Os sonhos das pessoas daqui de cima, não podem morrer. Espero que me olhem e se possível sigam meus passos, talvez lá na frente há um futuro melhor que nos aguarda: que aguarda nosso potencial para pensar essa sociedade e economia diferente, que aguarda nossa persistência para encarar as situações desafiadoras, que aguarda nossa criatividade de sonhar e materializar sonhos.